

A sequência didática como recurso para o ensino da leitura e da escrita para jovens e adultos em situação de analfabetismo: um relato de experiência

RESUMO

O trabalho narra uma vivência na qual a sequência didática se constituiu como um recurso pedagógico para o trabalho com o gênero textual Relato de Experiência Pessoal, desenvolvido em uma turma de estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) em contexto analfabetismo, em uma escola pública no interior da Bahia. Para tanto, discute-se a pertinência de se utilizar as experiências dos sujeitos da EJA como elementos de ampliação dos saberes acadêmicos e trata a importância de cada vez mais oportunizar que estes indivíduos experimentem situações reais de uso da escrita e da leitura como práticas sociais. Dessa forma, as atividades despontaram como momentos enriquecedores nos quais o sujeito da EJA foi colocado no lugar de protagonista e todas as suas experiências de vida, bem como o seu direito à fala foram utilizados como mecanismos de ampliação de saberes e, como resultado, ampliou-se a autoestima, a visão positiva de si e potencializou a sua atuação no ambiente no qual estava inserido.

PALAVRAS-CHAVE: Educação de Jovens e Adultos. Sequência Didática. Leitura e Escrita.

Juliana Nascimento Muniz

jujumuniz@gmail.com

Universidade Federal da Bahia, Salvador, Brasil.

Handherson Leylton Costa Damasceno

handhersondamasceno@gmail.com

Universidade Federal da Bahia, Salvador, Brasil.

Leide Laura Santos da Silva Nascimento

leidelaurass@gmail.com

Universidade Federal da Bahia, Salvador, Brasil.

Ao longo da nossa trajetória profissional como professoras de Língua Portuguesa, tivemos oportunidade de atuar com alfabetização de Jovens e Adultos, quer na condição de coordenadoras de programas voltados a este público, quer na condição de professoras, tendo assim, oportunidade de acompanhar a leitura e produção de textos dos alunos nessa modalidade de ensino. Tanto o acompanhamento dos avanços desses alunos com relação à leitura e a escrita, quanto às inquietações reveladas pelos profissionais que atuam com esse público e, principalmente, com o contato com os estudantes trouxeram-nos algumas questões que despertaram nosso interesse em propor uma atividade de intervenção através de Sequência Didática (SD) em torno do gênero textual Relato de Experiência Pessoal.

Assim, considerando a especificidade do gênero, bem como a necessidade de trazer à tona vivências nas quais os estudantes pudessem assumir o protagonismo, ampliar suas aprendizagens e utilizar os conhecimentos de vida atrelando-os à construção de saberes e práticas dos usos sociais da língua, indagamo-nos: Quais as reais dificuldades no ensino-aprendizagem da leitura e escrita para jovens e adultos? Essas dificuldades estão relacionadas à forma como essas habilidades são trabalhadas em sala de aula? De quais maneiras as estratégias metodológicas, propostas pelo docente, podem se constituir molas propulsoras para que os saberes dos estudantes da EJA sejam acentuados? Como as experiências de vida dos sujeitos da EJA podem ser aproveitadas como elemento fortalecedor dos saberes e utilizá-los a favor da construção de saberes voltados para a leitura e a escrita?

Dito isto, a opção pela Sequência Didática parte do pressuposto que se trata de um instrumento eficaz no que tange à organização do tempo didático, uma vez que oportuniza a discussão de um determinado objeto de estudo, em um tempo metodologicamente planejado e com a possibilidade de serem realizadas pausas avaliativas, a fim de que se ajuste os processos.

Finalmente, o trabalho em questão apresenta um relato de experiência no qual a proposta de elaborar uma sequência didática foi utilizada como um recurso pedagógico para trabalhar o gênero Relato de Experiência Pessoal numa turma de EJA. Esta ação se justifica, pois, em virtude do gênero e da modalidade organizativa do tempo didático (sequência didática) estarem pouco presentes nas nossas aulas de Língua Portuguesa, principalmente em turmas de Jovens e Adultos, ainda não tínhamos vivenciado uma prática com sequências didáticas pensadas no contexto de uma concepção freireana, o que suscitou em nós o objetivo de propor atividades de alfabetização que contemplassem práticas sociais de leitura e escrita com os referidos estudantes.

OS SUJEITOS DA EJA E O TRABALHO COM SEQUÊNCIA DIDÁTICA: APROXIMAÇÕES INICIAIS

Quando o foco é o sujeito da Educação de Jovens Adultos, percebe-se que, historicamente, a esses indivíduos fora negado o direito de aprender e muitas vezes, por isso, engrossaram os caldos da evasão escolar e, conseqüentemente, aumentando os índices de analfabetismo no Brasil.

Não obstante, parece de suma importância que a escola ofereça condições didáticas para que todos os seus estudantes avancem em seu processo de

construção de aprendizagens. No caso dos sujeitos da EJA, é indispensável que suas histórias de vida, bagagem cultural, anseios e expectativas, bem como sua existência, sejam respeitados. Sobre isso, Charlot (2000, p.72) afirma que “[...] aprender faz sentido por referência à história do sujeito, às suas expectativas, às suas referências, às suas concepções de vida, às suas relações com os outros, à imagem que tem de si e à que quer dar de si aos outros”.

Em adição, a Unesco (2015, p.08) endossa que “o objetivo da aprendizagem e da educação de adultos é equipar as pessoas com as capacidades necessárias para que exerçam e realizem seus direitos e assumam o controle de seus destinos”. Ou seja, é preciso ofertar a esses sujeitos o protagonismo da sua própria aprendizagem a fim de que, a partir dele, possam ampliar vivências e acessar contextos nos quais o domínio da língua pode proporcionar.

Nestes termos, é importante que situações didáticas férteis sejam desenvolvidas junto aos estudantes da EJA, a fim de que ampliem os horizontes e fortaleçam seus saberes a partir de práticas sociais. É preciso que haja uma íntima ligação entre a prática pedagógica desenvolvida nas escolas e os saberes que são produzidos fora dela. Logo, ler e escrever para os sujeitos da EJA precisa ser visto como ações executadas dentro de um contexto prático, vivo, de funcionalidade real.

Assim, é preciso relacionar a gama de experiências vividas pelos sujeitos da EJA com os conteúdos escolares. Portanto, parece que a sequência didática enquanto modalidade organizativa do tempo didático cabe muito a este fim: aliar os saberes de mundo e as experiências vividas, com os propósitos didáticos de vivenciar situações reais de produção de leitura e de escrita.

Logo, para proporcionar o contato direto dos estudantes com estas situações supracitadas, o gênero textual elencado foi o Relato de Experiência Pessoal por este mostra-se muito rico para iluminar metodologias que possibilitem um trabalho sistemático sobre leitura e escrita, considerando as histórias do cotidiano, o real, concreto.

Nossos procedimentos metodológicos estão ancorados tanto na teoria de Paulo Freire (1996) quanto no modelo de Sequência Didática proposto por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 82) para se trabalhar com gênero oral ou escrito. Nossa opção em trabalhar com essas duas abordagens teóricas ocorre em virtude de ambas serem importantes e complementares para o trabalho com gêneros textuais ou discursivos, o que contribui para o alcance dos nossos objetivos. Importante esclarecer que, para este estudo, defendemos uma concepção de gêneros textuais/discursivos que considera as atividades sócio culturais. Pensar a linguagem e o trabalho com textos orais ou escritos sob esse viés, é pensar nos sujeitos – professor e aluno, interagindo, pesquisando, observando, levantando hipóteses, refletindo, aprendendo e reaprendendo juntos e de forma dialógica, a partir da linguagem, em situações de oralidade, leitura e escrita.

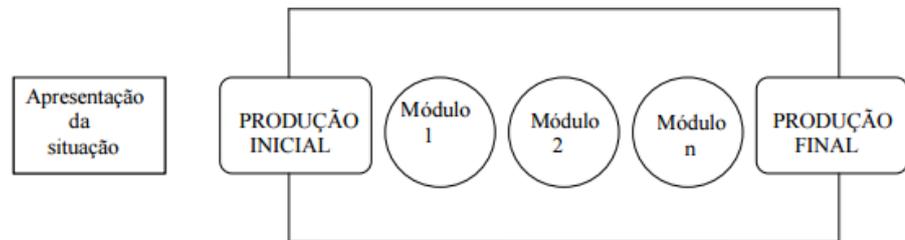
Com base na teoria de Paulo Freire, o trabalho com leitura e escrita partindo de temas geradores continua bastante atual ao preconizar que a alfabetização deve partir daquilo que o alfabetizando já sabe, ou seja, do seu contexto, de suas histórias de vida. Freire reforça a função social do aprendizado da leitura e da escrita ao argumentar que “a leitura de mundo precede a leitura da palavra, daí que a leitura desta implica na continuidade daquela” (FREIRE, 1996, p. 12).

Seu pensamento pedagógico tem influenciado uma concepção de alfabetização que dá sentido à educação permanente quando afirma que o processo de alfabetização, que se inicia pela aquisição da leitura e da escrita, prolonga-se pelo resto da vida, nas condições sociais da existência humana.

O uso das palavras geradoras na alfabetização em EJA busca empregar processos mentais de análise e síntese, com a problematização da situação existencial em que vive o alfabetizando. Nessa reflexão, que alia conhecimento e política, Paulo Freire motivou os jovens e adultos a reconquistar os seus direitos por meio de uma prática transformadora que envolve conhecimento sobre a realidade existencial dos alfabetizados, a escolha de palavras ou temas que podem ser problematizados e discutidos, para depois, trabalhar aspectos da leitura e da escrita, sempre mediado pela prática dialógica.

Com isso, propusemos atividades em torno do processo da prática freireana, seguindo o modelo de Sequência Didática proposto por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), a saber:

Figura 1: Esquema de Sequência Didática



Fonte: Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 98).

Tendo como base a estrutura acima, apresentaremos, brevemente, um a um, os componentes da SD e as atividades a serem realizadas em cada fase. Segundo Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 82), sequência didática (SD) é “[...] um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”.

A proposta de uma SD é, então,

[...] ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação. [...] servem, portanto, para dar acesso aos alunos a práticas de linguagem novas e dificilmente domináveis. (DOLZ, NOVERRAZ E SCHNEUWLY, 2004, p. 83)

É justamente esse tipo de trabalho que deve ser desenvolvido na EJA se considerarmos que a demanda de jovens e adultos estão buscando desenvolver as habilidades de leitura e escrita.

DESCRIÇÃO DAS ETAPAS DA SEQUENCIA DIDÁTICA

Apresentação da situação

A apresentação da situação é o momento de exposição da situação e do “problema” de comunicação aos alunos. É o momento em que ficam claras as condições de produção do texto – gênero, objetivos, leitores, veículo e formas de circulação, definição de quem participará da produção do texto, da importância de os alunos assumirem o papel de autores. Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) argumentam que:

A apresentação da situação é um momento crucial e difícil, na qual duas dimensões principais podem ser distinguidas: a) apresentar um problema de comunicação bem definido; b) preparar os conteúdos dos textos que serão produzidos. (DOLZ, NOVERRAZ E SCHNEUWLY, 2004, p. 84)

O que esses autores propõem nessa etapa é o planejamento sistemático do ensino dos gêneros. Cada etapa proposta é de grande relevância para o engajamento dos alunos nas atividades de leitura e escrita. Nessa etapa informamos aos alunos sobre a escolha do gênero Relato de Experiência Pessoal; sobre a realização de atividades de leitura, produção e reescrita desse gênero, para que eles melhor desenvolvam as habilidades de leitura e escrita.

Para o segundo princípio, que diz respeito aos conteúdos, criamos condições para que os alunos compreendessem a relevância de falarem sobre suas vivências e transformá-las em relato, observando tanto os aspectos discursivos e linguísticos quanto à forma. Ainda nessa fase da SD, estabelecemos com os alunos o que Barbosa (2012, p. 103) chama de contrato didático, “[...] contextualizando as próximas atividades, explicitando procedimentos e o que se espera que façam, como farão e como serão avaliados”. Combinar alguns detalhes, como a possibilidade de trazer para as aulas filmes que sejam baseados em situações de experiência pessoal, a escolha do que escrever, ler, o compromisso no cumprimento das tarefas propostas que visam propiciar as experiências e aprendizagens pretendidas.

A fim de ilustrar o que fora acima discutido, nos quadros seguintes apresentamos um resumo do plano de aula referente à fase 1, “Apresentação da Situação”, elaborado a partir da SD desenvolvida.

Quadro 1: Apresentação da situação

APRESENTAÇÃO DA SITUAÇÃO
<p>GÊNERO/ CONTEÚDO: Relato de experiência pessoal</p> <p>OBJETIVO:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Levantar informações sobre universo vocabular dos alunos • Extrair de diálogo informal temas geradores <p>TEMPO DE DURAÇÃO: 1h/aula</p>
<p>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</p> <p>PRIMEIRO MOMENTO: MOBILIZAÇÃO DOS ALUNOS PARA O TRABALHO (1h/aula)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Leitura e comentário sobre cada etapa da intervenção. • Problematização da realidade dos alfabetizandos, contextualizado na prática social. • Solicitação de sugestões aos alunos. • Anotação das sugestões para análise posterior.
<p>AValiação</p> <ul style="list-style-type: none"> • Através da aceitação dos alunos e das sugestões apresentadas por eles.

Produção inicial

A primeira produção ocorreu de forma oral, uma vez que o gênero Relato de experiência pessoal pode ser trabalhado tanto na forma oral quanto escrita. Esta serviu como diagnóstico para que pudessemos ter noção sobre os conhecimentos e às dificuldades de cada aluno com relação ao gênero em pauta. Esses dados que deram pistas para melhor planejarmos as atividades que constituiriam os três módulos, a partir dos problemas que apareceram nessa fase da SD.

O objetivo foi que nessa etapa os alunos fizessem relatos pessoais oralmente, já incorporando os conhecimentos adquiridos na fase de apresentação da situação, os temas geradores, pois conforme salienta Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004):

Se a situação de comunicação é suficientemente bem definida durante a fase de apresentação da situação, todos os alunos, inclusive os mais fracos, são capazes de produzir um texto oral ou escrito que responda corretamente a situação dada, mesmo que não respeite todas as características do gênero visado. (DOLZ, NOVERRAZ E SCHNEUWLY, 2004, p. 86)

É a produção inicial que regula e direciona a SD, trazendo à tona o que os alunos já sabem, quais problemas precisam ser trabalhados para melhor chegar à produção final. Dessa forma, esta fase da primeira produção revela um caráter flexível na SD, pois esta pode ser adaptada para que possa atender as reais necessidades dos alunos. Interessante colocar que, como se trata de alunos da EJA em processo de alfabetização, optamos por realizar a primeira produção oralmente, para na produção final eles colocarem esses relatos na forma escrita, contemplando assim, as atividades de leitura, escrita e oralidade.

Propomos aos alunos, nessa fase, que fizessem relatos pessoais, tendo como eixo temático as situações cotidianas relatadas durante etapa de apresentação da situação. Essa estratégia certamente não põe os alunos numa situação de insucesso, haja vista que eles falaram de suas vivências e do que já conheciam. Não pretendemos com esse trabalho fazer com que o aluno entenda que só se deve e pode escrever e/ou falar sobre o que se vive e conhece, mas usar o conhecimento de mundo deles como eixo norteador para despertar o interesse por atividades de leitura e escrita, e para que, após melhor compreender o gênero relato pessoal, buscassem outras possibilidades de leitura e escrita dentro do universo diversificado de gêneros textuais.

A primeira produção é que direcionou as etapas seguintes da SD, uma vez que o desempenho dos alunos foi avaliado de forma a identificar situações problemas que precisavam ser trabalhadas com mais rigor, e que foram objeto de trabalho nos módulos propostos para próxima fase. O quadro abaixo sintetiza a nossa proposta de trabalho nessa etapa.

Quadro 2: Plano de aula 2 – Produção inicial

PRODUÇÃO INICIAL
<p>GÊNERO/ CONTEÚDO: Relato de experiência pessoal</p> <p>OBJETIVOS:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Elaborar a transposição de situações cotidianas, temas geradores em relatos de experiências pessoais; • Refletir, em seu texto, sobre algum aspecto ou valor humano ou ainda, sobre alguma situação do cotidiano que possa ser escrita e/ou falada. <p>TEMPO DE DURAÇÃO: 3h/aula.</p>
<p>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</p> <p>PRIMEIRO MOMENTO: MOTIVAÇÃO PARA ESCRITA (1h/aula)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Passeio com os alunos pela comunidade para que eles observem de forma mais atenta os fatos corriqueiros de sua vida, da sua comunidade; • Solicitação para que escolham uma situação do cotidiano para fazer um relato de experiência pessoal. <p>SEGUNDO MOMENTO: PRODUZINDO O PRIMEIRO RELATO PESSOAL (ORAL). (2h/aula)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Solicitação para que os alunos fiquem em silêncio por alguns instantes e pensem: nos lugares que frequentam; nas pessoas com as quais convivem; nos assuntos que estão em pauta na cidade; nos pequenos acontecimentos do dia a dia deles, para que dessa simples observação eles possam pensar em uma situação que possa ser relatada em sala de aula; • Relato pessoal feito pelos alunos; • Discussão sobre os relatos.
<p>AValiação EXTRACLASSE</p> <ul style="list-style-type: none"> • Avaliar se o relato produzido se reporta de forma significativa e pertinente a algum aspecto do cotidiano local; Adequação linguística e discursiva, marcas de autoria, destacando nessa primeira fase, o nível inicial dos alunos e os aspectos que precisam melhorar.

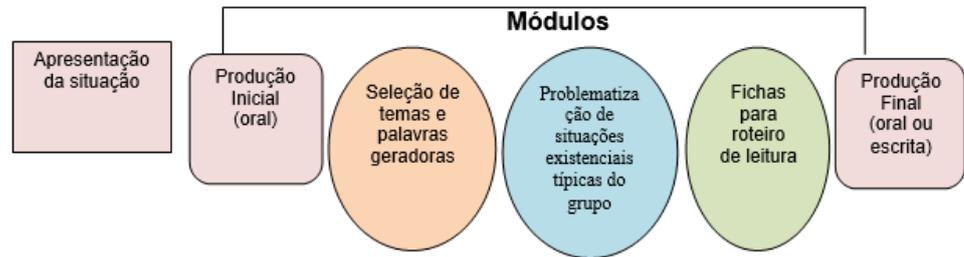
Fonte: Autoria própria

Após avaliar a primeira produção dos alunos da EJA, estabelecemos como critérios a serem trabalhados em cada módulo os elementos destacados por Freire como sendo indispensáveis aos processos de alfabetização (1996):

O processo da prática freireana constituiu-se de:

- Levantamento do universo vocabular dos alfabetizandos;
- Seleção dos temas ou palavras geradoras;
- Problematização ou criação de situações existenciais típicas do grupo;
- Elaboração de fichas para roteiro de leitura.

Figura 2: Elementos a serem trabalhados nos módulos



Fonte: Elaborado pelas autoras do trabalho com base no esquema de Sequência Didática proposto por Dolz, Noverraz e Schneuwly, 2004, p. 98 com inclusão dos elementos do processo de alfabetização proposto por Paulo Freire.

Importante sinalizar que cada etapa proposta por Paulo Freire foi trabalhada através de atividades diversificadas nos módulos, pois conforme explica Dolz e Schneuwly (2004):

Produzir textos escritos e orais é um processo complexo, com vários níveis que funcionam, simultaneamente, na mente de um indivíduo. Em cada um desses níveis o aluno depara com problemas específicos de cada gênero e deve, ao final, tornar-se capaz de resolvê-los simultaneamente. (DOLZ E SCHNEUWLY, 2004, p. 88)

Trabalhar temas geradores, problematizá-los e elaborar fichas de leitura, divididas em etapas com objetivos pré-definidos, favorece o trabalho sistemático de textos orais e escritos, sobretudo, com alunos da EJA que geralmente estão em um nível de apropriação da escrita.

Módulo 1 – Seleção de temas e palavras geradoras

Diante do que já fora apresentado na seção anterior, é chegado o momento de apresentar o gênero relato pessoal para os alunos. A título de mobilização para o trabalho e também para introdução das leituras que foram feitas, muitas atividades realizadas nesse módulo funcionaram como convite aos alunos, com intuito de provocar o interesse e o envolvimento pelo trabalho, conforme aponta o quadro 3.

Quadro 3: Plano de aula 3 – Módulo 1: Seleção de temas e palavras geradoras

MÓDULO 1 – Seleção de temas e palavras geradoras
GÊNERO/ CONTEÚDO: Relato de experiência pessoal
OBJETIVOS: <ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer aspectos temáticos do relato; • Explorar os elementos de um relato: o que? Quem? Onde? Quando? Como? • Relacionar o relato com outros gêneros: notícia.
TEMPO DE DURAÇÃO: 5h/aula

<p>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</p> <p>PRIMEIRO MOMENTO: APRESENTAÇÃO DE MURAL COM FATOS E SITUAÇÕES DO COTIDIANO (1h/aula)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Apresentação de mural contendo imagens com cenas do dia a dia. • A partir das imagens do mural fazer os seguintes questionamentos: • Quais histórias poderiam ser escritas com essas imagens? • Você já teve vontade de relatar algum fato que tenha presenciado no dia-a-dia? • Você já viveu alguma situação ou experiência de vida que o sensibilizou e o fez contar para muita gente? • Já escreveu alguma dessas histórias?
<p>SEGUNDO MOMENTO: EXPOSIÇÃO PARTICIPADA SOBRE RELATO PESSOAL (2h/aula)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Trabalhar questões ligadas ao tema gerador, haja vista que, é ele quem dá origem às várias palavras geradoras que deverão estar ligadas entre si para propiciar a relação entre as áreas do conhecimento. • Nessa etapa o professor leva para sala de aula temas e palavras retiradas dos relatos feitos pelos próprios alunos na primeira produção. A partir dessas palavras é que trabalha critérios sintáticos, semânticos e pragmáticos.
<p>TERCEIRO MOMENTO: OBSERVANDO AS PALAVRAS GERADORAS DENTRO DOS RELATOS. (2h/aula)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Apresentação de um mural contendo notícias da cidade, da comunidade onde vivem. • Realização de leitura das notícias, fazendo os seguintes questionamentos: <ul style="list-style-type: none"> ○ Já leu no jornal uma notícia que o tenha sensibilizado tanto que gostaria de contá-la a muita gente? ○ Qual o principal objetivo de uma notícia? ○ O “lado humano” de algum personagem chamou sua atenção? • Após questionamentos, fixar no mesmo mural, notícias semelhantes aos relatos feitos por eles. Obs. Deixar que os alunos leiam e façam inferência com as notícias lidas anteriormente. • Realização dos seguintes questionamentos: • O assunto dos relatos apresentados por vocês tem a ver com algum desses fatos noticiados?
<p>RECURSOS:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Dicionários de língua portuguesa; • Notícias jornalísticas; • Papel metro; • Canetas hidrográficas coloridas • Data show. • Imagens.
<p>AValiação</p> <ul style="list-style-type: none"> • Verificar a partir da análise das atividades realizadas se os alunos conseguiram reconhecer características básicas do relato.

Fonte: Autoria própria

Módulo 2 – Problematização ou criação de situações típicas do grupo

Para o módulo 2 selecionamos atividades de leitura e escrita que possibilitaram ao aluno problematizar situações típicas do grupo. Esse momento visou à superação da visão ingênua do jovem e adulto, diante das palavras e temas apresentados, por meio de situações problema que conduziram à reflexão

e ao desenvolvimento da criticidade. Para isso, as palavras geradoras foram decodificadas, com a mediação do alfabetizador, para que o alfabetizando percebesse que elas representam a síntese da ação e da relação dos homens entre si e com o mundo.

Quadro 4: Plano de aula 4 – módulo 2: Problematização ou criação de situações típicas do grupo

MÓDULO 2 – Problematização ou criação de situações típicas do grupo	
GÊNERO/ CONTEÚDO: Relato de experiência pessoal	
OBJETIVOS: <ul style="list-style-type: none"> • Analisar se há no texto um modo peculiar de produção e apresentação das situações do cotidiano. 	
TEMPO DE DURAÇÃO: 2h/aula	
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	
PRIMEIRO MOMENTO: RECONHECENDO A FORMA DO RELATO A PARTIR DE HISTÓRIAS DIVERSAS (2h/aula) <ul style="list-style-type: none"> • Passar CD de áudio com documentários, poemas, músicas; • Solicitar que os alunos observem que sentimentos e sensações esses textos causam • Identificar nos textos passadas no áudio se as palavras, temas, histórias se assemelham a deles. 	
RECURSOS <ul style="list-style-type: none"> • Coletânea de textos; • Dicionários de língua portuguesa; • Canetas hidrográficas coloridas • Data show. 	
AVALIAÇÃO <ul style="list-style-type: none"> • Verificar a partir da análise das atividades realizadas se os alunos conseguiram reconhecer aspectos discursivos próprios desse gênero. 	

Fonte: Autoria própria

Módulo 3 – Elaboração de material para roteiro de leitura

Neste módulo, trabalhamos os elementos linguísticos dos relatos. Cada uma das palavras geradoras teve a sua ilustração, desenho ou fotografia significativa e crítica para suscitar novos debates em sala de aula. Essa ilustração teve como objetivo a codificação da palavra, ou seja, a representação de um aspecto da realidade ou de uma situação construída no jogo de interações sociais.

As palavras estudadas obedeceram a sequência gradual das dificuldades fonéticas. Para isso, as sílabas trabalhadas em sala de aula foram registradas em uma ficha e no próprio caderno dos alfabetizando para, depois, serem incentivados a construir novas palavras, textos escritos e a compará-las para descobrir semelhanças e diferenças entre elas. Sobre esta etapa, o quadro, mais uma vez, sintetiza o plano de aula:

Quadro 5: Plano de aula 5 – Módulo 3: Elaboração de material para roteiro de leitura

MÓDULO 3 – Elaboração de material para roteiro de leitura
GÊNERO: Relato de experiência pessoal CONTEÚDO: Elementos linguísticos OBJETIVOS: <ul style="list-style-type: none"> Analisar os recursos linguísticos e observar a adequação ao gênero. TEMPO DE DURAÇÃO: 2h/aula
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS PRIMEIRO MOMENTO: EXPOSIÇÃO PARTICIPADA (2h/aula) <ul style="list-style-type: none"> Aula expositiva sobre recursos linguísticos do relato pessoal; Trabalhar linguagem informal; Levar fichas contendo nomes das palavras geradoras; Trabalhar sílabas; Reconhecer palavras semelhantes destacando diferença entre elas
RECURSOS <ul style="list-style-type: none"> Fichas de palavras; Canetas hidrográficas coloridas; Dicionários de língua portuguesa.
AValiação <ul style="list-style-type: none"> Verificar a partir da análise das atividades realizadas se os alunos conseguiram reconhecer características referentes ao estilo do relato, percebendo aspectos linguísticos próprios desse gênero.

Fonte: Autoria própria

Produção final

Nessa fase da Sequência Didática os alunos foram efetivamente autores de seus relatos, tendo como reponsabilidade, produzir de forma oral e/ou escrita o relato final. Vê-se aqui a concretização do movimento metodológico posposto por Dolz, Noverraz e Schneuwly, (2004): começar da produção de um texto, a partir de uma situação possível de comunicação, ir em direção ao simples (trabalhar módulos, seguindo o método proposto por Freire), para voltar à primeira escrita, melhorando o texto (produção final). Nessa fase, tivemos todo o cuidado em preparar o ambiente e os alunos para o tão esperado momento da escrita final.

Quadro 6: Plano de aula 6 – Produção final

PRODUÇÃO FINAL
GÊNERO: Relato pessoal CONTEÚDO: Leitura, produção e reescrita do relato. OBJETIVO: <ul style="list-style-type: none"> Apurar o olhar para situações e vivências pessoais para a produção dos relatos, incorporando ao texto elementos linguísticos, discursivos estudados nos módulos. TEMPO DE DURAÇÃO: 3h/aula

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS
PRIMEIRO MOMENTO (1h/aula) <ul style="list-style-type: none">• Retomar relatos feitos durante produção inicial observando o que pode ser melhorado, acrescentado.
SEGUNDO MOMENTO: PRODUÇÃO DO TEXTO FINAL (2h/aula) <ul style="list-style-type: none">• Solicitação para que produzam um relato de experiência pessoal com base em suas vivências e experiências ou em uma situação cotidiana da comunidade; Obs.: Deixar todo material confeccionado durante os módulos e as fotos disponíveis e visíveis em sala de aula para que sirvam de inspiração.
RECURSOS <ul style="list-style-type: none">• Material utilizado durante módulos.
AValiação <ul style="list-style-type: none">• Avaliar, utilizando critérios apresentados na figura 2, o texto produzido conforme categorias trabalhadas.

Fonte: Autoria própria

Nesse processo de alfabetização proposto por Freire, a construção de novas palavras, a leitura e a escrita devem acontecer simultaneamente, em sala de aula, para que o alfabetizando possa perceber a articulação oral dos valores das vogais e das consoantes nos fonemas e, assim, propiciar o reconhecimento sonoro das letras que formam o nosso alfabeto, culminando com a apropriação do sistema de linguagem escrita e desvelamento da leitura e da produção de texto.

A característica problematizadora do diálogo proposto por Freire (1976) aproxima-se da concepção dialética de humanização dos homens e das explicações da vida em sociedade. De acordo com essa visão, a escola deve selecionar e organizar dados que possibilitem aos alfabetizando uma reflexão sobre a escrita que estão elaborando, facilitando e agilizando o processo de construção da leitura/escrita que dá sentido a prática social.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Apresentação da situação

Em se tratando da apropriação de um gênero, seguindo a proposta de SD adotada nesse estudo, após distribuir folder explicativo, realizamos uma apresentação para os estudantes do contexto de produção e de circulação do gênero Relato de Experiência Pessoal, sem aprofundar em conceitos referente ao gênero em questão.

Eles escutaram tudo atentamente. Quando explicamos as etapas da SD, que inclui produção de texto, eles tentaram recuar, mas logo que informamos que, nas produções, eles iriam contar justamente aqueles relatos e situações do cotidiano, transpor os “causos” para o gênero relato, eles foram ficando mais à vontade, motivados e começaram a demonstrar interesse.

Tentávamos a todo instante mobilizá-los a participarem das atividades argumentando quanto aos ganhos nos quesitos leitura e escrita, mas percebemos que o que motivou de fato foi à possibilidade de dar visibilidade as suas histórias.

A apresentação da situação foi um momento de suma importância para este estudo e por si só daria um maravilhoso Relato de Experiência Pessoal, que serviria de base a outros profissionais. A interação ocorria a todo instante e eles nos ensinavam muito com seus relatos.

Produção Inicial

Continuamos com o trabalho de mobilização, iniciado ainda na etapa de apresentação da situação. Para isso, convidamos os alunos a olharem com olhar mais atento para o cotidiano, escolhendo uma situação, entre as tantas vividas por eles para relatarem. Foi uma etapa de suma importância pois tínhamos a impressão de estarmos em uma roda de conversa informal. Os alunos sentiam-se livres para fazer seus relatos e interagiam uns com os outros.

Como se trata de uma turma de Alfabetização de Jovens e Adultos, muitos deles ainda não conseguem produzir textos escritos. Para que isso não fosse empecilho para realização das atividades e para trabalhar oralidade optamos por fazer esta primeira etapa de forma oral. Foi prazeroso e enriquecedor ouvir tantos relatos ricos em detalhes e experiências de vida.

Uma análise dos relatos produzidos mostrou que todos os alunos abordaram assuntos cotidianos adequados para o gênero, de forma detalhista, aproximando-se das características básicas dos Relatos de Experiência Pessoal.

Foi justamente essa primeira análise do corpus que nos ajudou a confirmar quais critérios seriam trabalhados nos módulos. Para isso, tentamos aliar os elementos destacados por Paulo Freire para o processo de alfabetização de Jovens e Adultos com o que foi observado nas produções, definindo assim as próximas etapas da SD.

Os alunos não tiveram dificuldades em escolher qual assunto tratar, porque as temáticas sugeridas faziam parte da realidade deles. Observamos durante o processo de produção que todos os participantes se envolveram, dentro de suas habilidades. Uns falavam mais, outros opinavam menos e de forma mais tímida. Era como se estivessem em um verdadeiro “bate papo” entre amigos. Essa constatação já confirma a hipótese de que os alunos tem prazer em falar, ler e escrever sobre o que conhecem, e ainda, sobre como a interação foi favorável ao processo de oralidade.

A análise da primeira produção possibilitou um mapeamento das capacidades iniciais dos alunos. Para orientar essa análise tomamos como base os critérios definidos no quadro abaixo, já contemplando os elementos definidos por Paulo Freire como sendo essenciais ao processo de alfabetização de Jovens e Adultos.

Figura 3: Ficha para análise das produções

FICHA PARA ANÁLISE DAS PRODUÇÕES																				
PRODUÇÃO INICIAL	CRITÉRIOS/CATEGORIAS									PRODUÇÃO FINAL	CRITÉRIOS/CATEGORIAS									
	Conteúdo temático				Forma composicional				Estilo		Conteúdo temático				Forma composicional				Estilo	
	A	B	C	D	A	B	C	D	A		B	C	D	A	B	C	D	A	B	C
Aluno 01										Aluno 07										
Aluno 02										Aluno 08										
Aluno 03										Aluno 09										
Aluno 04										Aluno 10										
Aluno 05										Aluno 11										
Aluno 06										Aluno 12										

LEGENDA – CRITÉRIOS DE ANÁLISE DOS RELATOS DE EXPERIÊNCIA PESSOAL		
CATEGORIAS	CRITÉRIOS	
Seleção de temas e palavras geradoras (Módulo 01)	A	Tema (relata experiência pessoal).
	B	Elementos da narrativa (O que? Quem? Quando? Onde? Como?)
	C	Marcas de tempo e lugar
	D	Evento deflagrador (palavras geradoras)
Problematização de situações existenciais típicas do grupo (Módulo 02)	A	Foco narrativo
	B	Tom do texto
	C	Modo particular de falar
	D	Criticidade com relação as situações relatadas
Fichas para roteiro de leitura (Módulo 03)	A	Linguagem coloquial e espontânea
	B	Convenções da escrita (apropriação do sistema de linguagem escrita)
	C	Reconhecimento sonoro das letras do alfabeto
	D	Traz aspectos da oralidade para escrita

Fonte: Autoria própria

A análise a partir dos critérios apresentados no quadro acima possibilitou uma melhor compreensão das necessidades dos alunos nos dando uma dimensão geral de todos os elementos constitutivos do gênero. A produção inicial apontou que, apesar das produções terem se aproximado de temáticas tratadas nesse gênero, que a forma composicional e o estilo dos relatos precisavam ser mais bem trabalhadas nos módulos.

Uma análise da primeira escrita, seguindo os critérios definidos na figura 3, mostrou que há um desconhecimento por parte do aluno quanto aos elementos estruturais do Relato de Experiência Pessoal. Os alunos produziram relatos de forma solta, sem estabelecer objetivos para aquela atividade, sem definir interlocutor, situação comunicativa. Em contrapartida, um ponto positivo foi o fato de os relatos pessoais feitos oralmente se revelearem cheios de subjetividade e emoção, quer pela familiaridade com a situação, ou porque os relatos eram feitos para os próprios colegas, que também comungavam daquelas histórias.

Módulos

As atividades em torno do gênero Relatos de Experiência Pessoal foram divididas em três módulos: no primeiro, trabalhamos tema e palavras geradoras, no segundo, problematização de situações típicas do grupo e no terceiro, fichas de roteiro de leitura.

Em cada módulo tivemos o cuidado de fazer uma explanação sobre os elementos do gênero Relato, mesclando com atividades lúdicas, com outros gêneros textuais como: imagens e notícias. O ambiente da sala de aula foi devidamente preparado com livros, textos e cartazes com imagens trabalhadas em sala de aula.

Selecionamos relatos com tons variados e as atividades foram desenvolvidas de forma individual e coletiva. Alguns grupos riam e se divertiam com a linguagem e história dos relatos cômicos, enquanto outros grupos tinham dificuldades com a linguagem mais rebuscada de relatos políticos e críticos; Outros se identificavam e sensibilizam com relatos com teor mais familiar. Foi bastante interessante esse momento de leitura porque eles demonstravam curiosidade e interesse com relação ao texto lido pelos colegas, queriam saber o motivo do riso, se identificam com os textos.

A forma com que trataram de fatos do cotidiano e/ou refletiram sobre a condição humana gerou a oportunidade de se enxergarem e refletirem sobre suas próprias vidas através daqueles textos orais e/ou escritos. Os fatos foram apreciados tematicamente a partir da identificação com o lido. No primeiro módulo trabalhamos com os temas geradores. Retiramos dos próprios relatos dos alunos as palavras geradoras, ou seja, recorrentes nos textos. A partir dessas palavras é que iniciamos o processo de alfabetização proposto por Paulo Freire. As palavras geradoras foram “vida, trabalho, estudo, família, filhos, escola”. Através dessas palavras iniciamos a etapa de problematização já no segundo módulo.

Nesta etapa os relatos tomavam forma; os alunos contavam suas histórias, faziam comparações, interagiam com as histórias dos colegas. No terceiro módulo, ainda utilizando as palavras geradoras trabalhamos sílabas, letras do alfabeto, linguagem informal. Foi muito produtivo, pois, como os alunos já estavam empolgados com a produção de relatos, sentiam-se mais a vontade para buscar compreender os elementos da língua.

Considerando que o gênero Relato de Experiência Pessoal é um espaço para refletir sobre a vida e falar de situações cotidianas de um leitor comum numa situação de espontaneidade, não foi necessário um conhecimento especializado sobre os fatos abordados para falar sobre determinados assuntos, assim como não foi necessário domínio sobre questões gramaticais.

Vale ressaltar que o prazer dos alunos em produzir relatos partiu, dentre outras razões, da possibilidade de trazer para seu texto uma linguagem cotidiana. As marcas de estilo no corpus analisado chamam atenção pela criatividade e subversão de muitos aspectos gramaticais, ao tentar apresentar muito positivamente suas vidas, o lugar onde vivem, o trabalho, suas crença valendo-se de uma linguagem própria de demanda de Educação de Jovens e Adultos.

A apreciação temática nesse gênero revelou a satisfação do aluno em dar visibilidade a suas histórias de vida. Isso ficou nítido nas produções. A maneira como os alunos trataram de suas vivências em suas produções utilizando marcas estilísticas coerentes com essa ideia de falar da vida, ou seja, utilizaram uma linguagem informal, regionalismos, a linguagem com duplos sentidos, o jogo de palavras, as conotações, ironia, a predominância da função emotiva sobre a informativa, o vocabulário e pontuação variado e expressivo foram escolhas linguísticas, enunciativas e discursivas capazes de indicarem textualmente o tratamento temático dado aos acontecimentos nesse gênero.

Produção final

Na etapa de produção final os alunos puderam transformar seus relatos orais, feitos na etapa de produção inicial, em relatos escritos. Foi uma etapa muito positiva, pois, mesmo estando em processo de alfabetização, os alunos produziram textos sem apresentar resistência. Observamos que os relatos escritos não contemplavam todos os elementos do gênero Relato de Experiência Pessoal como observado na produção oral, talvez porque os alunos ainda não dominam o código escrito ou porque estavam preocupados em escrever corretamente. Os relatos orais tinham mais emoção, mais detalhes descritivos.

Contudo, trabalhar Relatos seguindo o modelo de SD proposto foi enriquecedor, já que, despertou os alunos para a leitura e escrita do texto oral e escrito. Os alunos sentiram-se encorajados a escrever. Através das atividades propostas, os alunos tomaram parte, como autores, de textos nos quais eles e as histórias do seu cotidiano passaram a serem os protagonistas e ganharam visibilidade. O objetivo aqui não foi avaliar a escrita dos alunos, até porque, muitos deles não dominam o código escrito e estão aprendendo as primeiras palavras. O objetivo era despertá-los para uma escrita que fizesse sentido para eles. Essas práticas imprimiram mudanças significativas no modo dos alunos se posicionarem diante das tarefas de leitura e produção de textos, assim como também na autoestima dos mesmos.

As atitudes responsivas refletiam-se no interior e também fora da escola, quando os alunos passaram a olhar de forma mais atenta para seu dia-a-dia, enxergando novas possibilidades de produzir textos orais e/ou escritos, e realizando leitura do mundo, da sua comunidade, de seus problemas, de suas belezas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Sequencia Didática, conforme proposta neste trabalho, favoreceu o processo de alfabetização de Jovens e Adultos, contribuindo para apropriação de conceitos, bem como atitudes criadoras e sistematizadoras do conhecimento na perspectiva de superar o descompasso em teoria e prática, bem como de amenizar o índice de analfabetismo funcional no país.

O papel do alfabetizador, nesse contexto, é o de exercer uma ação intencional no sentido de conduzir o alfabetizando a refletir sobre o objeto do conhecimento, por meio das ações de explicitar, discutir, traduzir, conceituar, mostrar e exemplificar o ato de ler e escrever.

Dessa forma, as atividades aqui despontaram como caros momentos nos quais o sujeito da EJA foi colocado no lugar de protagonista e todas as suas experiências de vida, bem como o seu direito à fala, foram utilizados como potentes mecanismos de ampliação de saberes. As falas dos indivíduos demonstraram a alegria de sentirem-se sujeitos de sua própria aprendizagem: relataram descobertas, reencontros, valorização das histórias de vida e fortalecimento da autoestima como indivíduo que aprende e que contribui para a melhoria do ambiente em que está inserido, seja na comunidade, na escola, na associação de bairro, na igreja ou na roça.

Os indivíduos só terão controle sobre seus destinos a partir da alfabetização, se esta estiver comprometida com o objetivo de auxiliar os sujeitos a tornar-se tudo aquilo que ele tem capacidade de ser, podendo assim, intervir na realidade para transformá-la; comprometida com uma visão libertadora de educação. Controlar seus destinos é construir uma imagem de si próprios como cidadãos de direitos, entre os quais se incluem os direitos vinculados ao trabalho e ao consumo para agir de forma solidária e responsável, percebendo-se como sujeitos na sociedade.

Por fim, é imprescindível que a escola ofereça momentos de aprendizagem aos estudantes e os coloque como centro do processo de aprendizagem, mas também de ensinoposto que estes sujeitos também ensinam.

Didactic sequence as a resource for teaching reading and writing for teenagers and adults in situation of illiteracy: an experience report

ABSTRACT

The paper describes an experience in which the didactic sequence was a pedagogical resource for working with the textual genre "personal experience report", developed in a group of students of Youth and Adult Education in an illiteracy context, in a public school in the interior of Bahia. In order to do so, it discusses the pertinence of using the experiences of the subjects of the EJA as elements of expansion of academic knowledge and treats the importance of increasingly opportunizing these individuals to experience real situations of use of writing and reading as social practices. In this way, the activities emerged as expensive moments in which the subject of the EJA was placed in the place of protagonist and all his life experiences, as well as his right to the speech, were used as mechanisms of knowledge expansion and, as a result, his self-esteem, his positive vision of himself and his activity in the environment in which he was inserted increased.

KEYWORDS: Youth and Adult Education. Didactic Sequence. Reading and Writing.

REFERÊNCIAS

CHARLOT, Bernard. **Da Relação com o Saber**: Elementos para uma teoria. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

SCHNEUWLY, B.; NOVERRAZ, M.; DOLZ, J; Colaboradores. **Gêneros orais e escritos**/ tradução e organização Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

UNESCO, **Recomendação sobre a aprendizagem e educação de adultos**, 2015. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000245179_por. Acesso em 18/03/2019.

Recebido: 26 mar. 2019

Aprovado: 03 set. 2019

DOI: 10.3895/rl.v21n34.9902

Como citar: MUNIZ, Juliana Nascimento; DAMASCENO, Handherson Lellyton Costa; NASCIMENTO, Leide Laura Santos da Silva. A sequência didática como recurso para o ensino da leitura e da escrita para jovens e adultos em situação de analfabetismo: um relato de experiência. *R. Letras*, Curitiba, v. 21, n. 34 p. 24-42, set. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rl>>. Acesso em: XXX.

Direito autorial: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

